

SHERLOCK HOLMES EXISTE: CHAMA-SE THOMAS E É ARQUEÓLOGO.

Mais: mora nos EUA e já esclareceu 15 crimes, a quilômetros de distância.

Peter Thomas pode não carregar uma arma ou um distintivo, mas é considerado um dos mais astutos detetives de Vermont, EUA, uma figura sherloquiana a quem a polícia recorre quando os métodos convencionais de investigação fracassam.

Assim como seu predecessor na ficção, Thomas, professor adjunto de Arqueologia na Universidade de Vermont, é convocado nos casos excepcionalmente difíceis e solicitado a aplicar seus aguçados poderes de observação e de dedução.

Com o auxílio da técnica desenvolvida em sua ciência, Thomas já descobriu cemitérios escondidos, capturou ladrões e mapeou a localização de esqueletos, a quilômetros de distância do local do crime.

"Não sou aquele que sabe todas as respostas, nem sou especialista nesse tipo de trabalho. Mas posso oferecer meus conhecimentos baseado em anos e anos de experiência no campo", diz Thomas.

"Podemos recolher mais informações sobre um local quando nos aproximamos dele metodicamente, do que se simplesmente cavamos um buraco e retiramos um corpo. Podemos encontrar muitas pistas úteis por lá", acrescenta.

Segundo Thomas, "se uma pessoa mata outra, coloca-a num buraco e cobre o lugar com terra, é o caso onde um arqueólogo pode ser útil; antes de mais nada o arqueólogo desenvolveu a perícia para localizar

provas enterradas e, depois, a habilidade de inventariar rigorosamente tudo o que é encontrado numa área de interesse arqueológico, habilidade que pode ser transposta para o local do crime".

A governadora de Vermont, Madeleine Kunin, recentemente condecorou Thomas por suas contribuições únicas no combate ao crime. Certa vez, quando a polícia do Estado de Vermont recebeu a informação de que membros de uma isolada igreja comunitária do Nordeste estariam enterrando natimortos sem os devidos atestados de óbito, Thomas foi chamado para acompanhar as investigações.

"Fomos ao local. A polícia

do Estado recebeu pás e a instrução de cavar naquele campo", disse, "mas coloquei a seguinte prioridade: vamos ver o que temos de dificuldades aqui".

Thomas começou por examinar sistematicamente o solo em locais intocados do campo e, por fim, apresentou um perfil das características geológicas do local. Quando determinada área do campo mostrava diferenças com relação ao perfil traçado, o trabalho de escavação tinha início.

Thomas removeu a superfície do solo e logo abaixo, no subsolo, surgiu o contorno de um buraco redondo. Cavando mais fundo, ele desenterrou uma pequena caixa de papelão, na qual havia um natimorto cuja morte não havia sido comunicada às autoridades locais.

Em sua vida profissional normal, Thomas se concentra na pesquisa de campo, particularmente na procura de sítios arqueológicos ameaçados pelo desenvolvimento — uma avaliação requerida pelas leis ambientais estatais e federais.

Thomas se envolveu em investigações policiais pela primeira vez há cinco anos, quando foi chamado para trabalhar ao lado de um especialista para identificar alguns ossos. Desde então, já participou de cerca de 15 casos, a maioria assassinatos ou episódios envolvendo objetos enterrados. "Existem muitas covas não registradas, por toda a parte. O que é necessário saber na hora em que essas covas são descobertas é se elas são evidência de um possível homicídio", explica ele.

Por Steven Bredice, da UPI

